



HERMENEÚTICA



SEMEADOR

Niterói, 2006

**Seminário Evangélico para o
Aperfeiçoamento de Discípulos
e Obreiros do Reino - SEMEADOR**

Supervisão Editorial:
Pr. Luiz Cláudio Flório

**Projeto Gráfico,
Edição e Impressão:**
Mídia Express Comunicação

Todos os direitos reservados

**Comunidade Cristã
Jesus para o Mundo**



Apresentação

Este livro foi escrito pela equipe de redatores do Seminário Evangélico Para o Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR com base em fundamentos recolhidos de várias fontes: autores cristãos reconhecidamente inspirados por Deus, estudos aceitos e adotados por outros seminários evangélicos de prestígio e, acima de tudo, a visão específica que o Espírito Santo tem atribuído ao ministério da Comunidade Cristã Jesus Para o Mundo.

Por se tratar de conteúdo bíblico, o assunto aqui tratado não se esgota, em nosso entendimento, nas páginas deste ou de qualquer outro livro. Cremos no poder revelador da Palavra de Deus, que nos oferece novas induções a cada releitura. Por isso, o objetivo maior do SEMEADOR não se limita ao estudo teológico, mas sim em trazer a presença de Deus e a Palavra *Rhema* na vida de discípulos e obreiros que queiram um verdadeiro compromisso com o Seu Reino.

A Bíblia e a presença de Deus são, portanto, requisitos indispensáveis para os alunos do SEMEADOR, tanto no estudo deste livro como durante as aulas.

“Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares.” Josué 1:9

Equipe de Redação

Índice

Capítulo 1	
Introdução e Regras de Interpretação	7
Capítulo 2	
Métodos de Estudo Bíblico	17
Capítulo 3	
Recursos Literários	21
Capítulo 4	
Figuras de Linguagem	29
Bibliografia	37
Programa Curricular	38

Hermenêutica



CAPÍTULO 1



**Introdução e Regras
de Interpretação**

Conceito de Hermenêutica e Regras de Interpretação

Segundo o testemunho da própria Escritura Sagrada, ela foi divinamente inspirada. O quanto sabemos, o primeiro intérprete da Palavra de Deus foi o diabo, dando à palavra divina um sentido que ela não tinha, falseando astutamente a Verdade. Mais tarde, o mesmo inimigo, falseia o sentido da Palavra escrita, truncando-a, isto é, citando parte que lhe convinha e omitindo a outra. Os imitadores, conscientes e inconscientes, têm perpetuado este procedimento enganando à humanidade com falsas interpretações das Escrituras. Vítimas, pois, de tais enganamentos e de tão estupendos erros, que têm resultado em hecatombes e cataclismas, devemos já conhecer o suficiente dessa **interpretação particular. E a ninguém deve parecer estranho que insistimos em que a primeira e fundamental regra da correta interpretação bíblica deve ser a já indicada, a saber: A Escritura explicada pela Escritura, ou seja: a Bíblia, sua própria intérprete.**

Nada de estranho tem, pois, que nos eminentes escritores da antiguidade encontremos afirmações como estas: “As Escrituras são seu melhor intérprete”; “Compreenderás a Palavra de Deus melhor que de outro modo, comparando uma parte com outra, comparando o espiritual com o espiritual (I Cor. 2:13)”. O que equivalente a usar a Escritura de tal modo que venha a ser ela seu próprio intérprete.

Se por uma parte, arrancando versículos de seu conjunto e citando frases soltas em apoio de idéias preconcebidas, é possível construir doutrinas chamadas bíblicas, que não são ensinamentos das Escrituras, mas antes “doutrinas de demônios”, por outra parte, explicando a Escritura pela

Escritura, usando a Bíblia como intérprete de si mesma, não só se adquire o verdadeiro sentido das palavras e textos determinados, mas também a certeza de todas as doutrinas cristãs, quanto à fé e à moral.

Tenha-se sempre presente que não se pode considerar de todo bíblica uma doutrina antes de resumir e encerrar tudo quanto a Escritura diz da mesma.

Por isso o estudo da Hermenêutica, que significa “a arte de interpretar os textos e as palavras, especialmente os relacionados com as leis e a religião”. No que concerne a interpretação das Escrituras Sagradas. A hermenêutica tem um papel de importância, pois: (1) Dá base e alimentação a fé e conteúdo a teologia e mensagens; (2) Dá uma sadia interpretação (exegese) bíblica; (3) Dá base para defender a Verdade da alta crítica e do ataque das seitas heréticas.

REGRAS PARA A INTERPRETAÇÃO DAS ESCRITURAS

PRIMEIRA REGRA: É preciso, o quanto seja possível, tomar as palavras em seu sentido usual e comum.

Os escritores das Sagradas Escrituras escreveram, naturalmente, com o objetivo de se fazerem compreender, e, para isso, provavelmente, utilizavam palavras conhecidas e usavam-nas no sentido que geralmente tinham. Averiguar e determinar qual seja este sentido usual e ordinário deve constituir, portanto, o primeiro cuidado na interpretação ou correta compreensão das Escrituras.

Porém, tenha-se sempre presente que o sentido usual e comum não equivale sempre ao sentido literal. Em outras palavras, o dever de tomar as palavras e frases em seu sentido comum e natural não significa que sempre devem ser tomadas ao “pé da letra”. Como se sabe, cada idioma tem os modos próprios e peculiares de expressão, e tão singulares, que se for traduzido ao pé da letra, perde-se ou é destruído completamente o sentido real e verdadeiro.

Os escritores sagrados não se dirigiram a certa classe de pessoas privilegiadas, mas ao povo em geral; e, por conseguinte, não se servem de uma linguagem científica ou seca, mas figurada e popular.

A estas circunstâncias se devem a liberdade, variedade e vigor que

observamos em sua linguagem. A elas se deve seu abundante uso de toda ordem de figuras retóricas, similares, parábolas e expressões simbólicas. Além do citado, ocorrem muitas expressões peculiares do idioma hebreu chamados **hebraísmos**.

Exemplo:

Profetizando a respeito de Jesus, disse Zacarias (Luc 1:69): “*E nos suscitou plena e poderosa salvação na casa de Davi*”. Dificilmente extrairemos daqui alguma coisa clara se tomarmos a palavra **casa** em sentido literal. Porém, sabendo que, como símbolo e figura, casa ordinariamente significa **família ou descendência**, já não estamos às escuras: aí se nos diz que Deus levantou uma poderosa salvação entre os descendentes de Davi, como também disse Pedro: “*Deus, porém...o exaltou (a Cristo) a Príncipe e Salvador, a fim de conceder a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados*” (Atos 5:31)

SEGUNDA REGRA: É de todo necessário tomar as palavras no sentido que indica o conjunto da frase.

Na Linguagem bíblica, como em outra qualquer, existem palavras que variam muito em seu significado, segundo o sentido da frase ou argumento em que ocorrem. Importa, pois, averiguar e determinar sempre qual seja o pensamento especial que o escritor se propõe expressar, e assim, tomando por guia este pensamento, poder-se-á determinar o sentido da palavra que apresenta dificuldade.

Exemplo: “*Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, abençoando-o, o partiu e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo*” Mt. 26:26). **Guiados pelo conjunto** deste versículo, torna-se evidente que a palavra **corpo** aqui não se usa no sentido literal, mas figurado; porquanto Jesus partiu o pão e não seu próprio corpo. Jesus usou a palavra **corpo** em sentido simbólico, dando-lhes a compreender que o pão representa Seu corpo.

TERCEIRA REGRA: É necessário tomar as palavras no sentido

indicado no contexto, a saber, os versículos que precedem e seguem ao texto que se estuda.

Às vezes sucede que não basta o conjunto de uma frase para determinar qual é o verdadeiro significado de certas palavras. Portanto, e em tal caso, devemos começar mais acima a leitura e continuá-la até mais abaixo, para levar em conta o que precede e segue à expressão; procedendo assim, encontrar-se-á clareza no contexto por diferentes circunstâncias.

Exemplo: No contexto achamos expressões, versículos, ou exemplos que nos esclarecem e definem o significado da palavra obscura. Às vezes encontra-se uma palavra obscura aclarada no contexto por sinônimo ou ainda por palavra oposta e contrária à obscura. Assim que, por exemplo, a palavra “**aliança**” (Gl. 3:17), se explica pelo vocábulo **promessa** que aparece no final do mesmo versículo. Às vezes, uma palavra que expressa uma idéia geral e absoluta, deve ser tomada num sentido restrito, segundo determine alguma circunstância especial do contexto, ou melhor, o conjunto das declarações das Escrituras em assuntos de doutrina. Quando Davi, por exemplo, exclama: “*O Senhor julga os povos; julga-me, Senhor, de acordo com a minha justiça e conforme a integridade que há em mim*” (Sl. 7:8), o contexto nos faz compreender que Davi só proclama sua retidão e integridade em oposição às calúnias que Cuxe, o benjamita, levantara contra ele. Quando se analisa o contexto é preciso advertir que às vezes se rompe o fio do argumento ou narração por um parêntese mais ou menos longo, depois volta ao assunto. Se o parêntese é curto, não há dificuldade; se é longo requer particular atenção. Por último, não se esqueça que, às vezes, tão-somente pelo contexto se pode determinar se uma expressão deve ser tomada ao pé da letra ou em sentido figurado.

QUARTA REGRA: É preciso tomar em consideração o objetivo ou desígnio do livro ou passagem em que ocorrem as palavras ou expressões obscuras; deve-se levar em conta em que ocasião e a que pessoas originalmente foi escrito.

Exemplo: As cartas aos Gálatas e aos Colossenses foram escritas

na ocasião dos erros que, com grande dano, os judaizantes ou “falsos mestres” procuravam implantar nas igrejas apostólicas. Por conseguinte, estas cartas têm por desígnio expor com toda clareza a salvação pela morte expiatória de Cristo, contrariando aos ensinamentos ajudaizantes. A cada passo encontramos luz no estudo destas cartas para melhor compreensão das passagens.

QUINTA REGRA: É necessário consultar as passagens paralelas, “explicando cousas espirituais pelas espirituais” (I Cor 2:13).

Com passagens paralelas entendemos aqui as que fazem referência uma à outra, que tenham entre si alguma relação, ou tratem de um modo ou outro de um mesmo assunto. É importante observar que há **paralelos de palavras, paralelos de idéias e paralelos de ensinamentos gerais.**

1. Paralelos de palavras: Quando o conjunto da frase ou o contexto não bastam para explicar uma palavra duvidosa, procura-se às vezes adquirir seu verdadeiro significado consultando outros textos em que ela ocorre. Em tratando-se de nomes próprios, apela-se para o mesmo procedimento a fim de fazer ressaltar fatos e verdades que de outro modo perderiam sua importância e significado.

Exemplo: Na carta aos Gálatas 3:27, diz o apóstolo aos batizados: “de Cristo vos revestistes”. Em que consiste estar **revestido de Cristo?** **Pelas passagens paralelas em Romanos 13: 13,14 e Colossenses 3:12, 14,** tudo se esclarece. O estar revestido de Cristo, por um lado consiste em ter deixado as práticas carnais como a luxúria, dissoluções, contendas e ciúmes; e por outro em haver adotado como vestido decoroso, a prática de uma vida nova (misericordiosa, benigna, humilde, mansa etc).

Assim é que, consultando os paralelos, aprendemos que o estar **revestido de Cristo não consiste em haver adotado tal ou qual túnica** ou vestido “sagrado”, mas em adornos espirituais ou morais próprios do Cristianismo simples, santo e puro.

2. Paralelos de idéias. Para conseguir idéia completa e exata do

que ensina a Escritura em um determinado texto, talvez obscuro ou discutível, consultam-se não só as palavras paralelas, mas os ensinamentos, as narrativas e fatos contidos em textos ou passagens. O modo de proceder tratando-se deste tipo de paralelos, é o de declarar as passagens obscuras mediante paralelos mais claros: as expressões figurativas, mediante os textos paralelos próprios e sem figura; e, as idéias sumariamente expressas, mediante os paralelos mais extensos e explícitos.

Exemplo:

Ao instituir Jesus a ceia, deu cálice aos discípulos, dizendo: “*Bebei dele todos*”. Significa isto que só os ministros da religião devem participar do vinho da ceia com exclusão da congregação? Que idéia nos proporcionam os paralelos? Em I Coríntios 11:22-29, nada menos que seis versículos consecutivos nos apresentam o “comer do pão e beber do vinho” como fatos inseparáveis na ceia, destinando os elementos a todos os membros da igreja sem distinção.

3. Paralelos de ensinamentos gerais: Para a aclaração e correta interpretação de determinadas passagens não são suficientes os paralelos de palavras e idéias: é preciso recorrer ao **teor geral, ou seja, aos ensinamentos gerais** das Escrituras.

Exemplo: Segundo o teor ou ensino geral das Escrituras, Deus é um espírito onipotente, puríssimo, santíssimo, conhecedor de todas as coisas e em todas as partes presente – tudo isso consta de um grande número de passagens. Mas, há textos que, aparentemente, nos apresentam Deus como ser humano, limitando-o a tempo ou lugar, diminuindo em algum sentido sua pureza ou santidade, seu poder ou sabedoria; tais textos devem ser interpretados à luz dos paralelos de ensinamentos gerais.

4. Paralelos aplicados à linguagem figurada: Às vezes é preciso consultar os paralelos para determinar se uma passagem deve ser tomada ao pé da letra ou em sentido figurado. A propósito da linguagem figurada é preciso recordar aqui **alguma semelhança ou igualdade entre duas coisas, pessoas e fatos**, justifica a comparação e uso da figura. Assim,

pois, se houver certa correspondência entre o sentido literal, não é necessário, como tampouco é possível, que tudo quanto encerra a figura se encontre no sentido literal. Pela mesma razão, por exemplo, quando Cristo chama de **ovelhas** a seus discípulos, é natural que não apliquemos a eles todas as qualidades que encerra a palavra **ovelha, a qual aqui é usada em sentido** figurado. Em casos como este só basta o sentido comum para determinar os pontos de comparação. Assim compreendemos que, ao chamar-se Cristo de **o Cordeiro, somente se refere a seu** caráter manso e a seu destino de ser sacrificado, como o cordeiro sem maculo o era entre os israelitas. Do mesmo modo compreendemos em que sentido se chama ao pecado de **dívida; à redenção de pagamento da dívida, e ao perdão, remissão da dívida ou da culpa.**

É evidente que o sentido de tais expressões não deve ser levado a extremos exagerados: se bem que Cristo morreu pelos pecadores, não se admite em consequência, por exemplo, que todos os pecadores são ou serão salvos; e se bem que Cristo cumpriu toda a lei por nós, não resulta daí que tenhamos o direito de viver no pecado; ou se consta que o homem está **morto no** pecado, não se possa arrepender e que fique sem culpa se deixar de ouvir o chamamento do Evangelho. Tratando-se de figuras de objetos materiais, não será difícil determinar o justo número de realidades ou pontos de comparação que designa cada figura, nem a consequência licita ou ensino positivo que encerra cada ponto. Maiores dificuldades oferecem as figuras tomadas da natureza humana ou da vida ordinária. Muitos têm-se recreado em formar castelos de doutrinas sem fundamento, rebuscando e comparando tais figuras e símiles, tirando consequências ilícitas, e até contrárias às Escrituras. Devem-se, pois, estudar as figuras com sobriedade especial e sempre com toda a seriedade.

hermenêutica



CAPÍTULO 2



**Métodos de
Estudo Bíblico**

Analítico, Sintético, Temático e Biográfico



entre os muitos métodos de estudo da Bíblia, apresentamos a seguir os mais conhecidos e universalmente aceitos.

Método Analítico

Nesse método estuda-se o texto bíblico detalhe por detalhe, tendo o cuidado de observar todos os pormenores, mesmo os mais insignificantes; examina-se cuidadosamente uma passagem formada, versículo por versículo. Ele se compõe dos seguintes elementos:

Observação: leia a passagem cuidadosamente, anote toda e qualquer minúcia do texto (anote substantivos, verbos e outras palavras chaves) e faça se for o caso algumas perguntas: QUEM?, QUÊ?, QUANDO?, POR QUÊ?, COMO? ; anote o que lhe parecer obscuro, difícil; leia as referências bíblicas sobre o texto; e anote as possíveis aplicações encontradas ao longo do estudo.

Interpretação: anote um resumo das frases-chave e uma interpretação pessoal dos versículos do texto estudado.

Correlação: anote os versículos que se correlacionam.

Aplicação: diante das anotações feitas dos itens anteriores, faça um resumo e ponha em prática as coisas específicas que aprender. É claro

que tudo isso deve ser feito com oração.

Método Sintético

Nesse método analisa-se o texto como uma unidade inteira e procura entender o sentido como um todo. Seguindo este método você será levado a fazer as seguintes perguntas:

- O que o escritor tinha em mente quando escreveu esse texto ou livro?
- Qual a idéia principal?
- Qual o objetivo do autor?

Após responder as perguntas acima relacione também os termos e conceitos que necessitam de atenção especial e consulte outras fontes de ajuda.

Método Temático

Esse método lida com assunto específico. Podem ser usados como tema tanto coisas visíveis quanto invisíveis. Isto inclui roupa, casa, alimentação etc., mas também palavras (como fé, oração, etc.) e frases (ex.: a segunda vinda de Jesus) relacionadas com a vida cristã.

Método Biográfico

Esse método utiliza a vida de personagens bíblicos. Três tipos de biografias:

- Narrativa simples: narra fatos históricos que se referem ao personagem;
- Exposição narrativa: utiliza a história de uma pessoa, a vida inteira é registrada, especialmente à maneira pela qual Deus operou em sua vida, como meio de influenciar os leitores. Fala sobre o progresso espiritual e caráter do personagem.
- Argumentação: é a menos utilizada. O escritor inclui informações biográficas, para provar um ponto de vista. Desse modo, os fatos da vida do indivíduo são usados para convencer alguém de alguma coisa.

Hermenêutica



CAPÍTULO 3



Recursos Literários

Recursos literários

Como livro, a Bíblia contém princípios de composição comuns a qualquer livro. A composição de palavras deve comunicar pensamentos. Para isto, Deus deu ao homem a linguagem como meio de expressão e com essa linguagem veio a ordem, a organização e os princípios. Esses princípios se baseiam nos recursos literários, que por sua vez incluem as figuras de linguagem.

Comparação

É a associação de duas ou mais coisas iguais ou parecidas. Às vezes as palavras **como, tal como, ou igual a, darão a pista** de que duas ou mais coisas similares estão sendo comparadas. Exemplo: I Samuel 13:5

Contraste

É a inclusão, na mesma frase, de duas palavras, ou dois pensamentos, que fazem contraste um com o outro. Pode ser indicado por palavras tais como: **mas, ou, de outra forma, entretanto**. Exemplo: Salmo 1.

Repetição

É o uso repetido de palavras, frases ou orações idênticas para dar ênfase ao que se quer dizer. Exemplo: Habacuque 2: “Ai daquele que...”.

Intercâmbio

É um tipo especial de repetição no qual um padrão que se altera é repetido. Exemplo: Os capítulos 1 e 2 de Lucas, onde encontramos o intercâmbio e a alteração entre os anúncios do nascimento de João Batista e o de Jesus.

Gradação

Acontece com a repetição de termos “mais ou menos” iguais. É a apresentação de uma série de idéias em progressão ascendente ou descendente; amplificação. A gradação pode consistir em umas poucas palavras ou pode estender-se por todo o discurso ou livro. Pode consistir em palavras soltas, preparadas de tal maneira que levem a mente em progressão gradual ascendente, ou pode consistir em uma série de argumentos que explodem em triunfal culminação. Exemplo: Amós 1:6 e 2:6 há uma sentença repetida para Gaza, Tiro, Edom, Amom, Moabe, Judá e finalmente Israel.

Continuação

Envolve o prolongamento da apresentação de um tema particular. Exemplo: Jonas 1:3.

Clímax

É o ponto de interesse máximo. O autor constrói, partindo do ponto de interesse e importância menor até ao maior, chegando ao final da narrativa. Exemplo: Êxodo 40: 34, 35.

Particularização

É um pensamento indo do geral para o particular; quando se parte do todo de uma narrativa para partes menores da mesma; do geral para o específico. Exemplo: Mateus 6:1-18.

Generalização

É o andamento de um pensamento específico para outro principal geral; parte de coisas específicas pra um princípio geral. Exemplo: Tiago inicia o capítulo 2 de sua epístola com exemplos específicos sobre conduta cristã correta, depois ele parte para o geral no último versículo quando diz: “... *como o corpo sem espírito é morto, assim também a fé sem obras é morta*”.

Causa

É o princípio que parte dela mesma (causa) para o efeito; trata do motivo para se fazer algo, e depois do resultado disso. Exemplo: Habacuque 2:5 onde diz que: “*Além disso, o vinho é traidor; o homem soberbo não permanece. Ele alarga como o Seol o seu desejo; como a morte, nunca se pode fartar, mas ajunta a si todas as nações, e congrega a si todos os povos*”. Causa: ganância; Efeito: guerra.

Substância

É o inverso da causa. Parte do efeito para a causa. A palavra “porque” é uma das palavras chaves deste recurso. Exemplo: Se digo: “Meu dedo dói”; alguém pergunta: Por quê? ; Resposta: “Porque o quemei”.

Instrumentação

Envolve os meios, artifícios, ou instrumentos utilizados para que algo aconteça. As palavras chaves utilizadas neste recurso são: “através de” ou “por”. Exemplo: João 14:6: “...*ninguém vem ao Pai senão por mim*”.

Explicação

Esclarece, analisa e explica. Por exemplo, em Lucas 2:4 temos a história de José partindo de Nazaré para Belém, na Judéia.

Preparação

É um texto introdutório, preliminar, precedendo uma seção ou um livro. Exemplo: Lucas 1:1-4, onde se tem uma pequena introdução dizendo qual o propósito do livro. Paulo utiliza em quase todas as suas cartas este recurso.

Sumarização

É a condensação de informações em forma abreviada. É um sumário. Exemplo: Gênesis 45 é um resumo da história de José.

Interrogação

É o mesmo que fazer perguntas. Exemplo: Romanos 3:31: *“Anulamos, pois, a lei pela fé? De modo nenhum; antes estabelecemos a lei”*.

Harmonia

Envolve unidade por acordo ou coerência; todas as partes de um texto dizem a mesma verdade. Exemplo: passagens que apresentam problema e resposta como solução. Como podemos ver em Romanos 3:21-31 onde se encontra a solução ou resposta ao problema descrito em Romanos 1:18-3:20.

Principalidade

Envolve uma idéia principal apoiada por idéias subordinadas. Exemplo: Mateus 13: 47-50. O ponto principal deste texto é a separação dos bons dos ímpios na consumação do século. Os pontos subordinados são as informações referentes aos pescadores, à rede, aos peixes e aos cestos. Os detalhes ilustram o texto, mas não são essenciais ao ensinamento.

Radiação

Corresponde a todas as coisas que se dirigem para um ponto ou parte dele. Exemplo: o Salmo 119, onde todos os seus versículos partem do mesmo ponto ou tema: a grandeza e a excelência da Lei de Deus.

Hermenêutica



CAPÍTULO 4



Figuras de Linguagem

Figuras de Linguagem

Para a correta compreensão das Escrituras é necessário, na medida do possível, tomar as palavras em seu sentido usual e figurada. Exporemos em seguida uma série de figuras de linguagem.

Metáfora

Semelhança entre dos objetos ou fatos, caracterizando-se um com o que é próprio do outro; é a figura em que se afirma que alguma coisa é o que ela representa ou simboliza. Exemplo: Zacarias 3:8: *“Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo”, temos uma verdadeira metáfora.*

Sinédoque

É a substituição de uma idéia por outra que lhe é associada. Faz-se uso desta figura quando se toma a parte pelo todo (Ex.: “No suor do teu rosto comerás o teu pão...”- Gn 3:19); o todo pela parte (Ex.: “...és pó e ao pó tornarás” – Gn. 3:19); o gênero pela espécie (Ex.: Mateus 3:5); e da espécie pelo gênero (Ex.: Mt. 6:11).

Metonímia

É o emprego do nome de uma coisa pelo de outra com que tem certa relação. Exemplo: (a) do efeito pela causa: Gênesis 25:23, os progenitores por suas descendências; (b) da causa pelo efeito: Lucas 16:29, os autores por seus escritores; (c) do sujeito pelo atributo ou adjunto: Gênesis 41:13, os sonhadores por seus sonhos; (d) do atributo ou adjunto pelo sujeito: Jó 32:7, a idade por aqueles que a têm.

Prosopopéia

Usa-se esta figura quando se personificam as cousas inanimadas, atribuindo-se-lhes os feitos e ações das pessoas. Exemplo: Salmo 35: 10; Jó 12:7.

Ironia

Faz-se uso desta figura quando se expressa o contrário do que se quer dizer, porém sempre de tal modo que se faz ressaltar o sentido verdadeiro. Exemplo: Juízes 10:14; Mateus 27:40.

Hipérbole

É a figura pela qual se representa uma cousa como muito maior ou menor do que em realidade é, para apresentá-la viva à imaginação. É a afirmação em que as palavras vão além da realidade literal das coisas. Exemplo: “... *as cidades são grandes e fortificadas até aos céus*” (Dt. 1:28).

Alegoria

É a narrativa em que as pessoas representam idéias ou princípios. Costuma ser tão palpável a natureza figurativa da alegoria, que uma interpretação ao pé da letra quase se faz impossível. Às vezes a alegoria está acompanhada da interpretação que exige. As narrativas bíblicas são verdadeiras. Mas, temos uma aplicação alegórica feita por Paulo com relação a história entre Hagar e Sara e seus respectivos filhos, em Gálatas 4: 21-31.

Antropomorfismo

É a linguagem que atribui a Deus ações e faculdades humanas, e até órgãos e membros do corpo humano. Exemplo: Salmo 74:11

Enigma

É a enunciação de uma idéia em linguagem difícil de entender. Não é do domínio geral das Escrituras. Apenas aparece no caso de Sansão com os filisteus - Juízes 14:14.

Tipo

É a representação de pessoa ou coisas do mundo material que tenham com elas certa correlação de analogia ou mesmo de contraste. Exemplo: Paulo nos apresenta o primeiro Adão como tipo, prefigurando o segundo “Adão”, Jesus Cristo.

Símbolo

É o emprego de alguma coisa para representar algum fato, objeto ou pessoa. Exemplo: Jesus é chamado de o “Leão da tribo de Judá”.

Parábola

É uma narrativa de acontecimento real ou imaginário em que tanto as pessoas, as coisas e as ações correspondem a verdades espirituais ou morais.

Particularidades dos Textos Bíblicos

Analisaremos a seguir cinco elementos importantes que compõem o texto bíblico:

1. Parábola: É uma espécie de alegoria apresentada sob forma de narração, relatando fatos naturais ou acontecimentos possíveis, sempre

com o objetivo de declarar ou ilustrar uma ou várias verdades importantes. Podemos também dizer que as parábolas revelam verdades desconhecidas com base em verdades e fatos conhecidos. Quanto à correta compreensão e interpretação das parábolas, é preciso observar o seguinte:

1º - Deve-se buscar seu objetivo. Em outras palavras, qual é a verdade ou quais as verdades que a parábola ilustra;

2º - Devemos ter em conta os seus traços principais, deixando-se de lado o que serve de adorno ou de complemento. Jesus mesmo ensina a proceder assim na interpretação de suas próprias parábolas. Como existe perigo de equívocos neste ponto, exemplificaremos com a parábola que se encontra em Lucas 11:5-8. Nesta parábola Jesus ilustra a verdade de que é necessário orar com insistência, valendo-se do exemplo de uma pessoa que necessita de três pães. É noite e vai pedi-los emprestado a um amigo seu que já tem a porta fechada e está deitado, bem como os seus filhos. Este amigo preguiçoso não quer levantar-se, mas, por força da insistência e importunação, o homem consegue o que deseja. É fácil verificar nesta parábola que o homem necessitado e suplicante é quem nos oferece o bom exemplo e representa o cristão. Igualmente fácil é entender que seu amigo representa Deus. Porém, que absurdo seria interpretar tudo o que se disse do amigo, aplicando-o a Deus. É evidente que esta parte constitui o que chamamos adorno da parábola e que se deve deixar de lado, por não corresponder e se aplicar à realidade. Observamos, pois, sempre a totalidade da parábola e suas partes principais.

3º - Deve-se comparar os ensinamentos apresentados com todo o contexto da escritura;

4º - Deve-se comparar as narrativas de uma parábola quando registrada por mais de um autor;

3º - Não se esqueça de que as parábolas, como as demais figuras, servem para ilustrar as doutrinas e não para produzi-las.

2. Tipo: é uma classe de metáforas que não consiste meramente em palavras, mas em fatos, pessoas ou objetos que designam fatos semelhantes, pessoas ou objetos. Os tipos foram introduzidos na Bíblia como forma de predizer coisas que seriam concretizadas no futuro. O tipo é inferior ao seu correspondente real e que, por conseguinte, todos os detalhes

do tipo não têm aplicação à dita realidade. Às vezes um tipo pode prefigurar coisas diferentes.

Exemplo: Jesus faz referência à serpente de metal levantada no deserto, como tipo, prefigurando a crucificação do Filho do homem (João 3:14).

3. Símbolo: é uma espécie de metáfora pelo qual se representa algumas coisas ou algum fato, por meio de outra coisa ou fato conhecido, para servir de semelhança ou representação. Damos abaixo alguns exemplos:

linho fino - a justiça real;

o ouro - a glória de Deus;

óleo ou azeite - o Espírito Santo;

incenso - oração;

calvário - sofrimento;

Egito - mundo;

Babel - confusão;

sete - perfeição;

doze: o governo de Deus manifesto no mundo;

cor azul - perfeito;

cor púrpura - realeza; etc.

4. Poesia: é um estilo de escrita muito utilizada na Bíblia. A poesia hebraica não possui rima e o seu estilo advém do paralelismo literário. No sentido em que é usada aqui, a palavra “*paralelo*” se refere à relação de sentido vista entre cada dois versos ou linhas da poesia. Ma poesia hebraica, predominam sentimentos, pensamentos e moções. Geralmente é escrita na primeira pessoa do singular (Eu) e lida com a experiência pessoal. Exemplo: Êxodo 15, os belos cânticos de Moisés e Miriã; Lucas 1, cântico de Maria; e principalmente o livro dos Salmos.

5. Profecia: pode ser definida como inspirada declaração da vontade e propósitos divinos. Uma profecia que já se cumpriu e sua interpretação está na própria Bíblia, a compreensão torna-se mais fácil. A profecia que prediz acontecimentos futuros e cuja interpretação não consta na escritura é de interpretação mais difícil. Vejamos alguns casos: os profetas tiveram vi-

sões de acontecimentos futuros, escreveram o que viram pelo espírito, por isso podemos entender a mensagem geral do profeta; a seqüência de acontecimentos pode ser dada, mas o tempo do cumprimento e a duração de tempo entre os acontecimentos, geralmente estão ocultos.

Concluindo nosso estudo de hermenêutica enfatizamos que a interpretação bíblica não deve ser feita aleatoriamente. Por isso:

- Estude a Bíblia acreditando que ela é a autoridade suprema em questão de religião, fé e doutrina;
- Não se esqueça que ele é a melhor interprete de si mesma;
- Dependenda da fé e do Espírito santo para a compreensão e interpretação dela;
- Interprete a experiência pessoal à luz da Escritura;
- Os exemplos bíblicos só têm autoridade prática quando amparados por uma ordem que os torne mandamento universal.

BIBLIOGRAFIA

- 📖 Hermenêutica. E. Lund e P. C. Nelson. Editora Vida
- 📖 Princípios de Hermenêutica. EETAD.

Seminário Evangélico Para Aperfeiçoamento de Discípulos e Obreiros do Reino - SEMEADOR

Programa Curricular

LIVRO 1	Doutrina da Salvação
LIVRO 2	Pentateuco
LIVRO 3	Louvor e Adoração
LIVRO 4	Os Evangelhos
LIVRO 5	Livro de Atos
LIVRO 6	História da Igreja
LIVRO 7	Família Cristã
LIVRO 8	Epístolas aos Hebreus
LIVRO 9	Cura e Libertação
LIVRO 10	Aconselhamento Cristão
LIVRO 11	Oração Intercessória
LIVRO 12	Epístolas Paulinas 1
LIVRO 13	Epístolas Paulinas 2
LIVRO 14	Epístolas Paulinas 3
LIVRO 15	Homilética
LIVRO 16	Espírito Santo
LIVRO 17	Cristologia
LIVRO 18	Princípios da Hermenêutica
LIVRO 19	Escatologia Bíblica
LIVRO 20	As Epístolas Gerais
LIVRO 21	Criação e o Mundo Espiritual
LIVRO 22	História de Israel
LIVRO 23	Seitas e Heresias
LIVRO 24	Profetas Maiores
LIVRO 25	Profetas Menores
LIVRO 26	Batalha Espiritual
LIVRO 27	Discipulado Prático